

A ECONOMIA DAS FUNÇÕES MNÉSICAS EM FREUD E NIETZSCHE

Nelson Lopes Rodrigues¹

Resumo: Esta apresentação tem como principal objetivo, analisar a economia do aparelho mnésico em Freud e verificar ressonâncias no corpus teórico de Nietzsche, apontando suas características e configurações no corpus psicanalítico e, sobretudo, na segunda fase da produção teórica de Nietzsche para uma possível compreensão dos processos sociais do sujeito.

Palavras-chave: Freud; Nietzsche; Memória; Psicanálise.

Abstract: This presentation has as its main objective, to analyse the economics of the mnesic apparatus in Freud and to verify resonances in Nietzsche's theoretical corpus, pointing out its characteristics and configurations in the psychoanalytical corpus and, above all, in the second phase of Nietzsche's theoretical production for a possible understanding of the subject's social processes.

Keywords: Freud; Nietzsche; Memory; Psychoanalysis.

[...] grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória.
(NIETZSCHE, 1998, p. 50)

O conceito de memória sempre esteve presente na história da filosofia, e posteriormente, na estrutura das teorias psicológicas que surgiram no início do século XIX. Platão, na Grécia antiga já utilizava o conceito de memória como um elemento importante para a sua teoria epistemológica da transmigração das almas. Para Platão, a alma era o receptáculo das atividades mnemônicas em sua estadia no mundo das ideias. Para Agostinho de Hipona, a memória é um tipo de recipiente do conhecimento, um “palácio da memória” [...] onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram (AGOSTINHO, 2001 p. 53)

Este conceito também aparece no século XVII, para o filósofo Leibniz trata-se de uma conservação de percepções, se trata também de uma faculdade, algo que conserva na alma. Na

¹ Graduado em filosofia pela UFBA, pós-graduado em psicopedagogia clínica e institucional pela Faculdade Metropolitana de São Paulo, e psicanalista pelo Imahp.

obra *Novos ensaios sobre entendimento humano*, o personagem dos diálogos, Filaleto, define a memória como retenção:

A outra faculdade do espírito, pela qual este avança mais no conhecimento das coisas do que pela simples percepção, é o que denomino retenção, a qual conserva os conhecimentos recebidos pelos sentidos ou pela reflexão. A retenção se faz de duas maneiras: Conservando atualmente a ideia presente – o que chamo de *contemplação* – guardando o poder de reconduzi-la ao espírito – o que se denomina memória. (LEIBNIZ, 1996, p. 117)

No pensamento spinozista, a memória teve um caráter diferente, segundo Abbagnano, o filósofo foi o primeiro a compreender a memória como um mecanismo de associação.

b) O conceito de M[emória]. como mecanismo associativo foi expresso pela primeira vez por Spinoza do seguinte modo: “A M[emória]. nada mais é que certa concatenação de idéias que implicam a natureza das coisas que estão fora do corpo humano; essa concatenação se produz na mente segundo a ordem e a concatenação das afeições do corpo humano” (ABBAGNANO, 1997, p. 659)

Locke está na mesma esteira desta tradição filosófica de que a memória se comporta como um tanque memorial, um recipiente de conteúdos vindos das nossas fontes de percepção, como ele mesmo afirma dizendo: “Constitui nisso a memória, que se assemelha a um *locus* de ideias”. (LOCKE, 1996, p. 435). Além disso, a memória está relacionada com a identificação do indivíduo. Para ele, estar consciente de si, ter uma consciência de quem é, e quem pensa que é, que diferencie de outro indivíduo implica em ter lembranças de seus atos e pensamentos passados. O importante no pensamento epistemológico de Locke é que a ideia de identidade do “Eu” o indivíduo tem relação com o seu corpo. O que o sujeito entende e se reconhece como tal perpassa na sua memória o corpo que representa o seu “Eu” (LOCKE, 1996, p. 435.)

Na primeira metade do século XIX, com o surgimento da psicologia enquanto uma ciência separada da filosofia, o filósofo Henry Bergson elabora uma teoria original da memória na tradição filosófica, o aparelho mnemônico terá uma noção relacional com o corpo, portanto, uma visão mais fisiológica da relação corpo e memória. Em sua obra *Matéria e memória* o filósofo afirma:

É o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro. Suprima a imagem que leva o nome de mundo material, você aniquilará de uma só vez o cérebro e o estímulo cerebral que fazem parte dele. Suponha, ao contrário, que essas duas imagens, o cérebro e o estímulo cerebral, desapareçam: por hipótese, somente elas irão se apagar, ou seja, muito pouca coisa, um detalhe insignificante num imenso quadro. O quadro em seu conjunto, isto é, o universo, subsiste integralmente. (BERGSON, 1999, p. 13-14).

A memória parece ser evocada pelos condicionantes do presente, como uma resposta adequada para as ações do corpo. Para o filósofo, a memória é também um fenômeno que tende a reelaborar o presente a partir das lembranças do passado, “ela prolonga o passado no presente” (BERGSON, 2006, p. 247), “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 2006, p. 179). Ele afirma na obra *matéria e memória*:

A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração, e assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela. (BERGSON, 1999, p. 88)

No percurso desta discussão temos dois pensadores que ampliam o conceito extrapolando os seus limites conceituais estabelecidos pelos filósofos.

Para alcançar o nosso objetivo, entendemos que tanto Freud quanto Nietzsche dão ênfase importância da memória na construção filosófica quanto clínica. Em Sigmund Freud, o conceito foi utilizado para articulação com outros conceitos importantes, a saber, a transferência, inconsciente e esquecimento. Termos como quantidade, frequência, normalidade, alto e baixo são palavras que são bastante utilizados por Freud para determinar a configuração econômica do mecanismo mnemônico no bojo de suas teorias sobre o psiquismo.

Em Nietzsche, por sua vez, a memória é compreendida como um instrumento social fundamental para se criar essa nova maneira de existir, um sujeito capaz de cumprir a palavra e assim criar uma civilidade, essa memória é uma faculdade para fixar as coisas, fixar contratos estabelecidos entre os seus iguais.

Na segunda dissertação da *Genealogia da moral*, Nietzsche desenvolve uma origem não metafísica das noções de culpa, má consciência e coisas afins. Nesta passagem, podemos notar a grande importância que é conferida a faculdade da memória. Ao contrário da tradição Platônica, Nietzsche realiza outro percurso, algo mais aterrador como ele mesmo diz. É na segunda dissertação que ele esboça também a sua interpretação de consciência e má consciência

Para Nietzsche, a memória tem como função principal, a formação do caráter *psicosocial* do homem, que deixa de ser um animal submetido a seus instintos, como os outros animais, e se lança como um animal novo na natureza, um indivíduo civilizado. Um animal que pode conviver em sociedade, com o outro, ser capaz de prometer, dando origem, assim, aos laços sociais e contratos de todos os tipos. Nietzsche afirma uma interpretação não

metafísica dos valores morais a partir do diálogo entre a metafísica de tradição platônica e as teorias contratualistas. A estratégia utilizada por Nietzsche é fazer um percurso que se origina na pré-história (*Vorzeit*), portanto, algo que o filósofo estabeleceu como uma filosofia da terra, ou seja, uma filosofia pautada na experiência do homem na sociedade, como uma história da crueldade do homem sobre si mesmo, e não como algo dado por um ser divino. Estudar a memória na obra nietzschiana nos ajuda a rediscutir os critérios de valoração na sociedade e realizar uma crítica sobre o homem moderno e suas formas de subjetivação. Que para o filósofo de Röcken não foi algo suave, “Esse antiquíssimo problema, pode-se imaginar, não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves; talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que sua mnemotécnica”. (NIETZSCHE, 1998, p. 50). Na verdade, não há outra coisa na história mais terrível do que criar a subjetividade.

Entretanto, Nietzsche não vê como algo totalmente ruim, que não seja digno de se admirar. Nietzsche vê este processo mnemônico como algo que foi útil a formação da sociedade. Ele diz que essa “domesticação” do homem pode levar esta mesmo para um patamar mais alto do que ele se encontrava, ele cria ciência, arte, e cultura. O problema do homem moderno, segundo o filósofo, é este homem acreditar que já é um ser acabado.

O homem é corda distendida entre o animal e o super homem: uma corda sobre um abismo; travessia perigosa, temerário caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar. A grandeza do homem é ser ele uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ser ele uma passagem, e um termo”. (NIETZSCHE, 2017, p. 11)

É dessa forma que Nietzsche constroi sua tese sobre a origem de uma consciência moral, a criação de uma *contra-faculdade* psíquica destinada a estabelecer o vínculo entre os homens fora baseada na antiga relação *fisio-econômica*, ou seja, da relação entre devedor-credor. Essa relação, essa pedra angular da tese nietzschiana da criação do *homo urbani* foi uma história da crueldade do homem sobre si.

Para que essa força de energia psíquica tenha sobrepujado no homem houve consecutivamente uma diminuição da sua força contrária, a saber, do esquecimento. No pensamento nietzschiano, tanto a memória quanto o esquecimento são duas vontades que lutam pela soberania.

Para Nietzsche, o ressentimento surge a partir desta consciência, pois marcar algo na memória também implica em uma desculpa para o pagamento de uma ofensa. Só o *Übermensch* pode prometer com originalidade, pois ele promete sabendo que cumprirá com a promessa, inclusive morrer por suas próprias ideias. O estar doente para Nietzsche “é em si

mesmo uma forma de ressentimento” (NIETZSCHE, 1995, p. 30), como ele mesmo afirma em sua obra *Ecce Homo*.

O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança, o revolver venenos em todo seu sentido – para os exaustos é esta certamente a forma mais nociva de reação: produz um rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bÍlis no estÓmago, por exemplo. O ressentimento é o proibido em si para o doente. (NIETZSCHE, 1995, p. 30)

Em *Assim falou Zaratustra*, o *além-homem* é antes de tudo um ser sadio, ele assume o *amor fati*², que nada mais é do que um contrato entre o sujeito e a sua existência, é o típico fatalista russo (NIETZSCHE, 1995, p. 30), o sujeito do *amor fati* espera pacientemente o seu destino e abraça-o sem com resiliência, sem ressentimentos, ele nunca menospreza o próprio corpo, pois o corpo é *vernunft gross*, a *grande razão*, “o corpo é uma razão em ponto grande”(NIETZSCHE, 2017, p.42) . Podemos pensar nestas passagens acerca de uma somatologia? Estar doente é em si mesmo uma manifestação de um problema de cunho psÍquico?

E ele confirma esta seleção a partir de uma categorização de tipos de sofredores em sua Gaia ciência.

Existem dois tipo de sofredores, os que sofrem de abundância de vida, que querem um arte dionisÍaca e também uma visão e compreensão trágica da vida – e depois os que sofrem de empobrecimento de vida, que buscam silêncio, quietude, mar liso, redenção de si mediante a arte e o conhecimento, ou a embriaguez, o entorpecimento, a convulsão, a loucura” (NIETZSCHE, 2001 [§370], p.272)

Para o autor de *Zaratustra*, os conceitos de saúde e doença coadunam-se no registro de uma vontade de apoderar, aquele que não se ressentido é por natureza um forte de espÍrito, pois, ele é forte, um indivÍduo que não rememora, possui uma vontade de esquecimento sadia, onde o equilÍbrio das vontades surge como uma forma de vida sadia. Em ambos os registros, a saber, da alma como do corpo há um turbilhão de forças que lutam pela supremacia, corpo contra bactÍrias, vÍrus contra células, bons pensamentos contra maus pensamentos.

Não podemos falar de uma capacidade de esquecer, ou, um querer-não-lembrar-de-algo sem antes entender todo seu trabalho investigativo a respeito do homem ressentido, a sua genealogia dos valores morais, o inconsciente e todo o processo *psicofisiológico* encarado por Nietzsche como uma releitura da relação entre corpo e mente.

[...] o psicanalista e filÓsofo austrÍaco Reinhardt Gasser leva a efeito uma sistemática comparaçÓo entre os empreendimentos teÓricos de Nietzsche e de Freud, e a, justamente na parte histÓrica desse trabalho, Gasser realiza um estudo minucioso

² Amor pelo destino (traduçÓo minha).

sobre a questão da psicologia em Nietzsche, trabalho de mérito incomparável, especialmente no que concerne à questão da relação entre fisiologia e psicologia. (GIACOIA, 2006, p.18)

Ambos os pensadores concordam em suas obras que distúrbios provocados no ressentido, como também no neurótico freudiano possuem a característica principal de não conseguirem metabolizar conflitos internos. Para a psicanálise, o neurótico possui um conflito interno entre o *Id*³ e o *Ego* em sua dependência da realidade, o neurótico suprime uma parte do *Id*, acumulando assim uma potencia psíquica. Os sintomas da neurose são essencialmente gratificações substitutivas para os impulsos não satisfeitos. Ou seja, é um sentimento constante de culpa, em que o neurótico é aquele inapto para administrar a descarga dos instintos represados, transformando-os estes instintos em atos de cunho vingativo sobre si e o outro.

Assim como na psicanálise, a filosofia de Nietzsche perpassa também por este problema, a saber, esta incapacidade de assimilação psíquica do ressentido como uma doença, portanto, o ressentido é doente justamente porque ele não conseguiu exteriorizar sua agressividade e libertar-se para o novo, a força do não-querer-esquecer não permite ao sujeito sublimar. É diferente do individuo soberano, quando este é invadido por estes sentimentos ele não aprisiona o sentimento, ele não ruma a ofensa, logo ele não se intoxica, pois a sua ontade de esquecer é funcional.

O tipo nobre, portanto, é aquele que não guarda insultos e agressões que possa sofrer, ele simplesmente não culpa ou desculpa seus agressores, pois sua força para querer esquecer de algo é uma vontade ativa e não reativa. O individuo soberano de Nietzsche não se ressent de seus atos, desgraças ou culpa o outro, ou a vida.

A rigor, tal homem do esquecimento é inapto tanto para o perdão quanto para a culpa, e, se conhece ocasionalmente o ressentimento, o digere, metaboliza e externaliza de imediato, não amargando nem abarrotando seu estomago. Nem mesmo o infortúnio o paralisa e, por isso, ele pode experimentar o *amor fati*. Capaz de esquecer seus próprios malfeitos esquiva-se do remorso, essa mordida sobre si tão bem expressa pelo termo alemão *Gewissensbisse*, literalmente “mordidas da consciência”. Sacudindo de si vermes que em outros se incrustariam, tal homem poderia experimentar, afirma ainda Nietzsche, um raro e autentico “amor pelos seus inimigos”. Já por essa descrição podemos avaliar a importância do tema do esquecimento como atividade, que deve ser posto em relação com diversos outros conceitos nietzschianos. Além disso, ao imbricar e fundir esquecer e digerir, Nietzsche inaugura um verdadeiro pensamento do corpo e sugere igualmente novas

³ *Id* se refere ao inconsciente de Freud. A partir da segunda tópica (modelo estrutural), a palavra inconsciente passa a ser chamado de *Id* para diferenciar da primeira tópica ou topológica. No modelo estrutural, o termo *Id* possui um aspecto dinâmico, pois as suas instâncias se entrelaça entre si, articulando-se de forma permanente. A instância do *Id* é conduzida pelo princípio do prazer e entrelaçando-se com as funções do *Ego*, no que diz respeito à realidade objetiva do mundo real, e com o Superego, em relação aos aspectos internalizados.

maneiras de viver e de se lidar com a temporalidade, com a memória, de se reconciliar, enfim, com o presente e sua intensa felicidade. (FERRAZ, 1999, p.38)

A tentativa de seguir as linhas de condução e destino das energias libidinais, ou seja, de excitação, tem como objetivo dar uma configuração positivista na estrutura teórica-prática da psicanálise no século XX. É na linguagem econômica que pode ser compreendido os fenômenos estudados por ele. Por isso, o uso constante em suas obras de palavras como intensidade, mobilidade, contra-investimento e déficit.

Na obra *Os estados sobre a histeria*, Freud também se utiliza destes conceitos. Ele estabelece um abarcamento da economia da histeria e sugere que uma das causas do padecimento do histérico é de ordem reminescente (*Reminiszenzen*). Portanto, o sujeito que sofre de um *déficit do esquecimento*, assim, de uma patogenia de ordem mnésica que não consegue desprender-se de uma lembrança não absorvida, então, economicamente possui uma forte memória. Este conceito é importante na economia das pulsões, pois ela faz parte dos elementos que participam da clínica analítica, por exemplo, na transferência, o re-lembrar e o esquecer que o fenômeno da transferência se efetiva no processo de tratamento; como elemento fundante na aliança entre o psicanalista e o analisando, levando este para o elaborar.

Em seus textos sobre a memória, Freud se refere a uma força que “se aplica sobre a própria pessoa” do alemão *wendung gegen die eigene person* a designar uma energia que age sobre si mesmo. Este processo ilustra a maneira pelo qual uma energia pulsional transforma-se em seu contrário, ou seja, um reverter para frente *verkehrung ins Gegenteil*, uma pulsão que lança para si mesmo, sai de uma atividade para uma passividade. Este processo foi perspicazmente debatido por Freud sob o conceito de sadomasoquismo. Enquanto para Nietzsche o movimento vai do ressentido para a má consciência, para Freud o movimento vai do sadismo ao masoquismo. A energia que deveria ser dirigida para outra pessoa retorna para o próprio sujeito que se ressent. Neste sentido, podemos verificar a consonância na economia das pulsões de Freud e na teoria da vontade no ressentido de Nietzsche.

Um personagem intrigante, mas que explicita muito bem o problema da memória, é o personagem protagonista na obra *Notas do subsolo* de Dostoiévski. A obra apresenta-se de forma confessional, busca expressar uma subjetividade característica de quem estuda a si mesmo. Neste sentido o personagem de Dostoiévski é o paciente psicanalítico, que se coloca diante do seu analista. O neurótico ressentido, que não consegue esquecer um agravo, em sua condição de perpétua vitimização, com suas próprias razões, merece ser vingado, como disse antes, ele necessita da satisfação narcísica. A culpa deve ser sempre do outro, do acusado,

daquele que deve ao ofendido, mas que não tem forças para vingar-se. Por isso a ideia de igualdade em alguns casos pode ser uma manobra para colocar-se como bom.

Por que justamente tu e não ele? Não há nenhuma lei nesse sentido, nem isso está escrito em parte alguma. Ora, que seja de igual para igual, como geralmente se dá quando duas pessoas delicadas se encontram: ele há de ceder metade do caminho; tu farás o mesmo, e assim passareis um ao lado do outro, respeitando-vos mutuamente. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 67)

A passagem representa esta forma de ser do ressentido que não tem a força para externar, há uma manobra de aniquilação da diferença entre eles, quanto o sentimento de que está a altura do seu rival. É o que na psicanálise chama-se de compulsão à repetição, como a forma do sujeito não trazer a tona da consciência e, portanto, não lidar com o que foi reprimido. Ele se expressa como se fosse melhor do que o seu inimigo, o personagem principal é o bom, educado, de belos ideais, o outro é o bárbaro, cruel, assim é a mente do ressentido. Para Kancyper:

No âmbito da libido egóica, o sujeito ressentido apresenta um aumento de seu sentimento de si (*Selbstgefühl*) a partir de uma ferida narcísica que não cicatriza. Isto é a causa de um orgulho tanático que nutre a vulnerabilidade arrogante, o que legaliza diante de si mesmo e diante dos outros seus justificados e onipotentes direitos. No campo da libido do objeto, o objeto do ressentido é um objeto idealizado, herdeiro do narcisismo infantil; conseqüentemente possuidor, num presente atemporal, de todas as perfeições valiosas. Para isso a realidade das suas castrações deve ser recusada: as incompletudes, as impotências, as imperfeições. É um objeto supervalorizado pelo sujeito, porém que retém avaramente suas bondades e possibilidades para si [...]. (KANCYPER, 1994, p. 17)

No texto *Lembrar, repetir e elaborar* de 1914, Freud também destaca que há uma necessidade na repetição. Na repetição o psicanalista pode acessar os elementos traumáticos que foram reprimidos pelo sujeito e assim trabalhar no processo de sua cura, e assim fazê-lo passar pela reelaboração.

Como para Nietzsche o recordar se qualifica como um sinal de doença do ressentido, Freud também identifica como um problema, significando algo que foi reprimido pela consciência do sujeito. A repetição do ato continuará enquanto não houver o perlaborar. O sintoma é justamente um símbolo para a memória de um acontecimento traumático, aquilo que não vai para a consciência se manifesta sintomaticamente no corpo. É no processo psicanalítico de recordar, repetir e elaborar que se instaura a prática psicanalítica freudiana, é quando o psicanalista trabalha no ponto de corte e sutura, onde a repetição se evidencia como ponto onde será estabelecida a sutura psicanalítica.

Freud, em *Lembranças encobridoras* de 1889, sinaliza para o fato de que algumas lembranças são esquecidas, justamente àquelas que possuem uma relação com as

psicopatologias (FREUD, 1987, p. 271). Esse fato é geralmente evidenciado em casos neuróticos. Neste mesmo texto Freud também diferencia dois tipos de amnésia, a saber, amnésia patológica e a amnésia normal. Apontando para o fato que a amnésia normal está associada aos primeiros períodos da infância.

Em 1898, apenas um ano antes de escrever o texto *Lembranças encobridoras*, ele escreve o texto *Mecanismo psíquico do esquecimento*, onde ele reconhece que determinadas lembranças da memória processam um tipo de efeito de defesa em que a lembrança de um acontecimento é transmutado por um processo simbólico no *Id*. Esta afirmação é desenvolvida a partir das suas próprias lembranças “em alguns casos eu próprio passei por essa experiência de esquecer nomes” (FREUD, 1987, p. 260).

Podemos aferir, mesmo que nesta breve pesquisa, que há algumas diferenças importantes entre Nietzsche e Freud sobre o papel da memória, mas também boas ressonâncias teóricas entre os autores. Enquanto que para Nietzsche, a memória segue uma lei universal da vontade, como uma força que se opõe a uma vontade de não-querer-lembrar, para Freud trata-se de uma função, não encontra-se na esteira de um “arquivo aberto a qualquer um” (FREUD, 1987, p. 264). Trata-se, segundo o próprio Freud, de um mecanismo complexo que envolve o sujeito, o inconsciente e outros processos como recalque, prazer-desprazer, repetição, reelaboração e constituição psíquica do indivíduo. Mas como seria a cura do ressentido para Nietzsche? Se para Freud o trabalho de repetir e relembrar no sujeito leva para uma elaboração deste, como seria a solução para o homem moderno ressentido superar esta condição quase patológica para o pensamento nietzschiano?

De certa forma, podemos compreender a tarefa do psicanalista como um operador dos conteúdos mnemônicos do sujeito com o objetivo de superar as barreiras impostas pelo recalque do homem moderno ressentido e do homem neurótico da contemporaneidade.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Lisboa: IN-CM, 2001.

ASSOUN, P.-L. *Freud & Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- DOSTOIÉVISKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- FERRAZ, M.C.F. “Nietzsche: o esquecimento como atividade”. In: **Cadernos Nietzsche** nº7. São Paulo: 1999.
- FREUD, S. *Lembranças encobridoras*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. *O mecanismo psíquico do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GIACÓIA JR, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- KANCYPER L. *Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. São Paulo: Editora nova cultural, 1996.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Projeto a respeito de uma nova Enciclopédia que deve ser redigida pelo método da descoberta*. São Paulo: Scientiæ Studia, 2007.
- LOCKE, J. *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Os pensadores. São Paulo: Editora nova cultural, 1996.
- MLODINOW, Leonard. *Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- NIETZSCHE, Wilhelm Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Petrópolis: RJ. Vozes, 2017.